



## COMPARTILHAR PARA GANHAR

**M**eu celular me traz fortes emoções. Temperamental, nem sempre ele aceita ir aonde eu vou. Uma vez, desci em Chapecó-SC, onde fui fazer uma palestra. Ele ficou no bolsão da cadeira da frente do avião e seguiu até Porto Alegre-RS. Quatro horas depois, fiz o embarque de retorno no mesmo avião e lá estava ele, no mesmo lugar em que eu o havia deixado. Não sei o que fez sem mim, indo e voltando da capital gaúcha.

Já em Belém-PA, pela manhã, num calor estonteante, desci do táxi e ele seguiu viagem, fresquinho no ar-condicionado. Mas o motorista o trouxe de volta assim que percebeu seu propósito de se afastar de mim. Coisa de cumplicidade masculina. Não podemos ver um homem sendo traído, que logo hipotecamos nossa solidariedade.

Neste mesmo dia, à noite, minha esposa ligou para o hotel em que eu me hospedara. Ela queria me avisar que um taxista havia ligado dizendo que estava com o meu celular. Só então eu percebi que o fujão havia aprontado novamente. Ele se afastou de mim duas vezes em menos de 12 horas, e com dois motoristas de táxis diferentes! Então, resolvi tratá-lo com rédea curta. A partir daí, passei a levá-lo do bolso para o ouvido, do ouvido para o bolso. Nada de liberdade...

Ano passado, em Brasília, um taxista ligou para o hotel em que eu acabara de me hospedar e foi direto ao assunto. Ele estava com o meu celular, e se eu quisesse tê-lo rapidamente de volta, teria de pagar o dobro do que registrasse o taxímetro. Do contrário, somente quando ele tivesse uma corrida próxima de onde eu estava. Encarei isso como um sequestro, paguei o resgate e afaguei o meu celular quando ele voltou para junto de mim...

No mês passado, a caminho de Porto Alegre, em Campinas-SP, precisei trocar de avião. Foi quando percebi que estava sem o meu celular. Será que ele caiu debaixo da poltrona? Não foi preciso procurar por muito tempo. Quando a aeromoça me viu de quatro no chão do avião, foi logo me dizendo: ele ficou lá no aeroporto de Juiz de Fora. Ligue para esse número e terá informações sobre ele. Pois eu liguei, e já me trataram pelo nome, demonstraram que sabiam dia e hora do meu retorno, que iriam guardá-lo para mim. Estranho! Aí tem coisa, pensei...

Ainda mais surpreso fiquei quando liguei meu computador portátil e vi que o Antônio Carlos de Souza Lima, que mora em Goiânia-GO, havia me enviado um e-mail, avisando que eu havia perdido o celular. Logo depois, outra mensagem. Desta vez, o colega pesquisador Cláudio Nápolis me alertava para o mesmo fato... Como souberam? Como explicar tal fenômeno? Será que o meu celular os avisou? Será que desta vez o objetivo do afastamento foi chamar minha atenção? Será que ele percebeu que estou pensando em separação definitiva? Será que devo perdoar e dar mais uma chance? Será? Será?

O celular é, sem dúvida, um dos poucos patrimônios de que realmente precisamos ser donos. Outro patrimônio é uma casa para morar. Sob a ótica meramente econômica não é bom negócio ter uma casa própria, pois o aluguel mensal de um imóvel é, no máximo, 0,5% do seu valor. Rentabilidade baixa. Se o recurso for aplicado na compra de títulos do Governo, no chamado Tesouro Direto, ao qual qualquer um tem acesso, a rentabilidade será até o dobro do rendimento apresentado pelo aluguel. Mas imóvel próprio tem caráter psicológico, gera sensação de segurança, que não deve ser desprezada. Então, faz sentido ter um imóvel próprio para morar. Mas ter dois ou mais imóveis já é questionável sob a ótica econômica.

Na edição do mês passado discutimos aqui neste espaço o modelo da Uber de fazer negócio. A tese que defendi é de que esta empresa não apenas destruiria a classe dos taxistas, mas também a indústria automobilística. Pelo menos a sua mega importância ficaria abalada. A lógica do modelo da Uber de negócio é muito evidente e nem tão nova assim. Procurei mostrar, com números, que um proprietário de veículo em geral tem 96% dos custos fixos de seu carro para nada, já que ele usufrui apenas 4% do custo fixo. Em outras palavras, o carro é muito mais caro quando está desligado, que é a maior parte do tempo, do que quando está em movimento.

Tudo que se busca num processo produtivo é reduzir ao máximo o custo de produção. Todavia, à medida que aumentamos a produção de leite, por exemplo, a tendência é subirem os custos variáveis por litro produzido; ou seja, aqueles custos que variam com a produção, como ração, crescem. Mas a teoria econômica nos ensina que o inverso ocorre com os custos fixos. Estes tendem a cair continuamente quanto mais aumentamos a produção.

No caso da Uber, o que se busca é usar intensivamente o veículo por meio do seu compartilhamento, para que o custo de produção caia, somado à redução do que chamamos de custos de transação, ou seja, o custo de fazer o negócio propriamente dito. Pelo celular você contrata o veículo, paga, é avisado de quanto tempo terá de esperar para ter o serviço prestado e ainda dá nota pela sua experiência com aquele motorista. O modelo da Uber reduz o custo de produção e o custo de transação ao mesmo tempo.

Voltando à produção de leite, é fundamental ter uma visão cada vez menos patrimonialista, ou seja, gastar dinheiro somente o estritamente necessário com os custos fixos. A compra de mais um trator, por exemplo, somente pode ocorrer quando ficar evidente que seu uso será intensivo. Do contrário, é preciso compartilhar, como nos ensina a Uber. O setor leiteiro brasileiro precisa que existam mais serviços sendo prestados por terceiros, o que é uma forma de compartilhamento via mercado. E seria muito bom que os produtores mostrassem a disponibilidade de experimentar novos modelos de negócios.

Na Nova Zelândia, a produção de leite em uma propriedade é resultante da ação de várias empresas, que participam desde o cruzamento animal até gerenciando estoque de insumos, por meio da informação que prestam ao produtor. Na região que vai de Passo Fundo-RS a Cascavel-PR, ainda que de maneira amadora, os produtores aplicam o modelo da Uber. As instalações para a produção de leite são as de menor custo do Brasil, compartilham máquinas e buscam especialização de etapas da produção. Há produtores que fazem somente recria e outros somente produzem alimentos. A terra, por outro lado, é usada intensivamente e, não raro, é alugada. Não é à toa que esta é a região em que mais cresce a produção no Brasil e onde já se produz o equivalente a Minas Gerais em leite.

Uma empresa moderna é resultante da gestão de outras empresas que lhe prestam serviços especializados. Na produção de leite, a terceirização ainda é pequena. O produtor entende que deve assumir todas as etapas da atividade leiteira. Isso aumenta o custo, pois ninguém é bom em tudo. A especialização reduz custos, pois aumenta a produtividade da mão de obra e reduz os custos fixos. Os técnicos que prestam assistência técnica precisam começar a discutir esse assunto com seus produtores assistidos. Se existir demanda por serviços, a oferta logo aparecerá. ■

*Paulo do Carmo Martins é doutor em Economia Aplicada pela Esalq-Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz-USP, chefe geral da Embrapa Gado de Leite e professor da Universidade Federal de Juiz de Fora-MG.*

**O produtor entende que deve assumir todas as etapas da atividade. Isso aumenta o custo, pois ninguém é bom em tudo**

**ENTREVISTA: BENEDITO FORTES DE ARRUDA, DO CFMV**

# BALDE BRANCO

Ano 51 – número 612 – outubro 2015 – R\$ 10,50 – [www.baldebranco.com.br](http://www.baldebranco.com.br)

## MUITO LEITE

No Paraná, projeto para 70 mil litros de leite/dia agrega gado Holandês, soluções tecnológicas de ponta e conhecimentos de cinco sócios com diferentes experiências na agropecuária

**Silagem de alta qualidade:** produtor ensina como obter

**Municípios apoiam** o leite e ganham junto com produtor

**Plano de qualidade** de leite de Minas vira referência